

Lotação em unidades de saúde só deve ser amenizada em 2018

Hospital Odilon Behrens alega sobrecarga após fechamento de leitos, e pacientes reclamam de estrutura



Precariedade. Pacientes do Odilon Behrens denunciam longa espera em macas e cadeiras nos corredores

PUBLICADO EM 26/05/17 - 03h00

Aline Diniz e Letícia Fontes

A peregrinação por unidades de saúde começou no último sábado. Stefania Carolina Bueno, 29, sofria de uma hemorragia por causa do parto. Primeiro, a autônoma procurou socorro na Unidade de Pronto- Atendimento (UPA) Nordeste, na capital, onde não havia ginecologistas. Então, ela foi encaminhada para o Hospital Municipal Odilon Behrens e precisou ficar sentada em uma cadeira segurando o próprio soro até essa quinta-feira (25). “Está impraticável. Gente no chão, pessoas tossindo, todo mundo junto com a sujeira”, disse. O hospital e as nove UPAs da capital têm passado por uma sobrecarga de atendimentos e, conseqüentemente, piorado a oferta dos serviços. A situação só deve ser amenizada a partir de fevereiro de 2018, quando o Hospital do Barreiro estiver funcionando plenamente.

“Nós tivemos 300 leitos fechados na Santa Casa. Isso (lotação) é consequência da diminuição da oferta de leitos. Quando a gente tiver os 451 leitos do hospital metropolitano (do Barreiro) funcionando, esse impacto vai ser muito menor”, disse o secretário municipal de Saúde, Jackson Machado. A assessoria de imprensa do Odilon

informou que parte da sobrecarga na unidade diz respeito a pacientes da região metropolitana de Belo Horizonte.

Em 2016, o Odilon realizou 217.942 procedimentos. Desses, 18.503 (8,49%) foram para residentes de municípios dos arredores de Belo Horizonte. O quadro se agravou nos quatro meses deste ano, conforme a assessoria do hospital. Dos 76.375 procedimentos ocorridos na unidade, 12.372 (16,2%) envolveram pacientes da região metropolitana.

O hospital informou, em nota, que todos os pacientes que procuram a unidade são atendidos e classificados conforme o risco que apresenta. A unidade explicou ainda que não “compete ao hospital” dialogar com os municípios da região metropolitana.

Aliado à redução do número de leitos na Santa Casa e à procura de pacientes de outras cidades, há ainda o provável impacto daqueles que perderam ou cancelaram os planos de saúde. Conforme dados da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), 17,5 mil belo-horizontinos cancelaram seus contratos entre abril de 2016 e o mês passado.

Vontade. A maioria dos pacientes ouvidos pela reportagem no Odilon foi unânime em relatar a boa vontade dos profissionais da unidade de saúde em prestar um atendimento digno com os recursos disponíveis. “Os profissionais são muito bons, prefiro esperar aqui do que ir para a UPA”, disse a autônoma Fernanda Aparecida Lima, 28.

Marília Araújo, técnica de enfermagem no hospital e diretora do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Belo Horizonte (Sindibel), confirma esse cenário. “Nós temos muita boa vontade para atender todos os pacientes, mas não temos condições. Faltam leitos, e tem paciente que deveria estar internado no Centro de Terapia Intensiva (CTI), mas está recebendo atendimento na maca, no corredor”, relatou Marília.

Já Stefania terá que ser acompanhada pelo centro de saúde mais próximo de casa.

Santa Casa

Dado. O secretário municipal de Saúde, Jackson Machado, afirmou que 300 leitos foram fechados na Santa Casa de Belo Horizonte. Entretanto, o Grupo Santa Casa informou, no início do mês, que eram mais de 400.

Saiba mais

Situação. O Hospital do Barreiro tem hoje 90 leitos em funcionamento.

Demora. A Secretaria Municipal de Saúde também confirmou sobrecarga nas UPAs após fechamento de leitos da Santa Casa. Em alguns casos, o tempo de transferência para internação em hospital aumentou em até 50%.

Nordeste. Sobre a falta de ginecologista na UPA Nordeste, a secretaria informou que, na última semana, houve um aumento de 30% nos atendimentos, o que gera maior tempo de espera dos casos não urgentes.

Neves e Vespasiano. As prefeituras informaram que os quadros profissionais estão completos e doenças respiratórias aumentam demanda nas unidades.

Raio X do Odilon

R\$ 21 mi é o recurso mensal do Odilon Behrens.

518 é o número de leitos disponíveis no Odilon.

67 mil é o número de atendimentos feitos pelas UPAs em abril.

2.691 é o número de funcionários efetivos do Odilon.

966 é o número de partos feitos no Odilon em quatro meses.

1.479 são as cirurgias de urgência feitas nesse quadrimestre.

No local

Cadeira é artigo de luxo e lençol para maca é improvisado

As reclamações dos pacientes que estavam nessa quinta-feira (25) no Odilon Behrens, na região Noroeste da capital, vão desde a demora no atendimento até a carência de leitos e de alimentação. Um paciente de 54 anos, que teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC), esperou dois dias para conseguir um leito. O lado direito dele está paralisado.

“Ele está aguardando ainda para fazer um exame de tomografia. Não tinha lençol, pegaram duas camisolas rasgadas e usaram para forrar o colchão”, contou a filha, de 18 anos, que pediu para não ser identificada.

Moradora de Vespasiano, na região metropolitana, a dona de casa Gleice Costa, 23, levou o filho, de 1 ano e 6 meses, à UPA da cidade com quadro de bronquite. Após 12 horas de espera, decidiu ir ao Odilon. “Estou desde ontem (essa quarta-feira, 24) tentando atendimento. Está muito cheio, cadeira é artigo de luxo. Como tem muita gente junta, está muito sujo. Reparei que as faxineiras usam a mesma água para limpar várias coisas”, relatou.

Por meio de nota, o hospital ressaltou que a ordem de atendimento é definida após triagem, levando em conta a gravidade do caso. Sobre a falta de alimentação, a unidade reforçou que pacientes e acompanhantes recebem quatro refeições diárias. Já quanto à sujeira, o local tem equipes de limpeza que trabalham 24 horas por dia.

(AD/LF/Mariana Nogueira)